

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

16

Ἰσθμίου Πηληϊάδεω Ἄγαθης ἀφ' ἧς ἔτι
καὶ τὸν Ἰσθμὸν ἐκάλουν Ἰσθμίου Πηληϊάδεω
ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

Posto isto, o presente livro constituirá uma aquisição assaz útil para todos aqueles que experimentem interesse por esta área pouco divulgada do antigo Egipto e, igualmente, para outros que, versados em matérias do profetismo bíblico (Israel), cananaico e mesopotâmico (Mari e Assíria), possam cruzar proveitosas referências conceptuais no campo específico da oniromancia.

Pedro de Abreu Malheiro

RAFAEL PÉREZ ARROYO, *Egipto: La Música en la Era de las Pirámides*, Madrid, Editorial de Estudios Egipcios S. L., 495 páginas, 108 ilustrações (a cores e a p/b). I.S.B.N. 84-932796-0-9.

Trata-se de uma aparatosa obra de pleno interesse, tendo recebido o *Primer Premio* da parte do Ministério espanhol da Educação, Cultura e Desporto, em 2002, na qualidade de melhor livro científico publicado em Espanha nesse ano. Sublinhe-se que, em 2003, o texto foi traduzido para língua inglesa, merecendo dos especialistas críticas muito encomiásticas.

Quanto ao Autor, Rafael Pérez Arroyo, cabe dizer que é um musicólogo especializado na cultura e na música do antigo Egipto, além de membro da Royal Geographic Society, da Egypt Exploration Society e da Asociación Española de Egiptologia. A monografia em questão, bastante volumosa, representa o corolário de dez anos de investigação que o Autor levou a cabo no âmbito do fenómeno musical do Egipto, desde o Pré-Dinástico Recente até ao final do Império Antigo. Pérez Arroyo contou ainda com a útil colaboração de Syra Bonet (estudiosa da religião e do pensamento da Antiguidade, também membro da Asociación Española de Egiptologia), co-autora do capítulo II.

O livro está dividido em sete capítulos bem articulados: (I) «Os Períodos pré-dinástico e Tinita»; (II) «Cultura, Cosmos e os Deuses da Música»; (III) «Música no Império Antigo»; (IV), «Músicos do Império Antigo»; (V) «Instrumentos musicais do Império Antigo»; (VI) «Iconografia musical do Império Antigo»; e (VII) «Dança no Império Antigo». Cada uma destas parcelas encontra-se adequadamente provida de notas bibliográficas. Comporta, ainda, dois valiosos apêndices: o «A», que inclui um imprescindível e pormenorizado glossário da terminologia musical empregue durante o Império Antigo; e o «B», que nos faculta uma interpelante selecção de trinta hinos extraídos dos «Textos das Pirâmides», transcritos em hieróglifos, transliterados e traduzidos em espanhol

por José María de Diego Muñiz. A rematar todo este conjunto figura uma rica e relativamente extensa «Bibliografia» (pp. 471-482).

De facto R. Pérez Arroyo (assim como a sua coadjutora S. Bonet) teve o cuidado de consultar artigos e livros de qualidade, tanto genéricos, como sobre o tema em foco, nomeadamente:

Victor Loret, *Quelques documents relatifs à la littérature et à la musique populaires de la Haute-Égypte*, Paris, 1884; Idem, «Les flûtes égyptiennes antiques», *Journal Asiatique* 8/4 (1889); Curt Sachs, *Die Musikinstrumente des alten Ägyptens*, Berlim, 1921; H. Hickmann, *Catalogue général des antiquités égyptiennes du Musée du Caire: Instruments de musique*, Cairo, 1949; Emma Brunner-Traut, *Der Tanz im alten Aegypten*, Glückstadt, 3ª edição, 1992; Christiane Ziegler, *Les Instruments de musique égyptiens au Musée du Louvre*, Paris, 1979; Lise Manniche, *Ancient Egyptian Musical Instruments*, Munique, 1975; Idem, *Music and Musicians in Ancient Egypt*, Londres, 1991; Ellen Hickmann, «Ägypten», em *Die Musik in Geschichte und Gegenwart*, vol. I, Basileia/Estugarda, 1994, cols. 275-296; Idem e L. Manniche, «Altägyptische Musik», em *Neues Handbuch der Musikwissenschaft*, vol. II, cap. II, Laaber, 1989, pp. 31-42.

No entanto, aparentemente, o Autor conseguiu ultrapassar muitos desses estudos anteriores (apesar de pioneiros e de elevado valor), sobretudo porque decidiu incidir num espaço cronológico bastante concreto, centrando o seu labor nos primórdios da ubérrima civilização milenar egípcia e no Império Antigo, ou seja, nos seus estádios formativos. Outros, como H. Hickmann e, mais recentemente, L. Manniche (que em Outubro de 2006 esteve entre nós), não obstante as abordagens deveras proveitosas que fizeram, investigaram a música egípcia num sentido mais abrangente, espraiando-se até ao Império Novo e à Época Baixa, daí resultando um tratamento temático mais à superfície e não tanto em profundidade.

No decurso das suas pesquisas sistemáticas e metódicas, R. Pérez Arroyo veio a reunir mais de 4.000 fotografias de instrumentos musicais e de relevos parietais tumulares, centenas de desenhos, afora ter compilado múltiplos dados sobre o folclore musical nilótico. Também construiu réplicas de alguns instrumentos (harpas, sistros, flautas oblíquas, entre outros) que se conservam em diversos espólios museológicos (Museu Egípcio do Cairo, a secção das Antiguidades Egípcias do Museu do Louvre, etc.), a fim de poder observar directamente as condições de funcionamento dos mesmos e o seu som.

Como se depreende através dos próprios títulos dos capítulos, o Autor examinou com especial acuidade a música no Império Antigo,

nas suas modalidades combinadas de canto, dança e toque instrumental, entendendo-a à luz de um contexto simultaneamente religioso e pagão, averiguando com o máximo de rigor e isenção as vertentes lúdicas, mágicas e funerárias das manifestações melódicas. Pérez Arroyo logrou ainda inventariar os nomes e os túmulos dos indivíduos (masculinos e femininos) que exerceram as funções de cantores (como Nefer e Kahai), harpistas, flautistas e dançarinos na corte régia, assim como nas residências de dignitários da elite dirigente central e provincial. Sublinhe-se que nas mastabas privadas de Sakara e de Guiza se descobriu abundante acervo epigráfico, artístico e arqueológico; o que mais avultam nesses monumentos são inequivocamente os já mencionados relevos parietais, dos quais muitos constituem belíssimas evocações plásticas da música instrumental, do canto, da dança e dos seus respectivos intérpretes. A julgar pelo teor de várias inscrições tumulares e de outras fontes coetâneas, no antigo Egipto os músicos gozavam de certo estatuto social (facto devido ao grau de proximidade face aos soberanos e aos altos funcionários) e de alguns benefícios a nível económico.

Em suma, a obra *Egipto: La Música en la Era de las Pirámides* significa um notável contributo para o estudo da musicologia egípcia. Pese embora a sua especificidade temática, o texto remete-nos para toda uma pluralidade de outros assuntos interligados (de cariz religioso, social e cultural), o que, no seu todo, possibilita a captação de perspectivas inovadoras e peculiares sobre a Época Arcaica e, principalmente, o Império Antigo.

Pedro de Abreu Malheiro

AIDAN DODSON e DYAN HILTON, *The Complete Royal Families of Ancient Egypt*, Londres, Thames & Hudson, 2004, 320 páginas, com mais de 300 ilustrações, das quais 90 a cores. I.S.B.N 0-500-05128-3.

É caso para perguntar se Aidan Dodson terá, porventura, mais horas disponíveis para trabalhar do que os seus colegas: com efeito, para além de leccionar no Departamento de Arqueologia da Universidade de Bristol, realiza palestras pelo mundo fora e, com certa regularidade, conduz visitas de grupos de turistas e estudantes no Egipto. Resta-lhe ainda tempo para pesquisar afincadamente e dedicar-se à escrita, tendo um ritmo de produção de artigos e livros (tanto científicos como de cariz divulgativo) quase assustador.